

Ri e sê gentil com o desconhecido

O quarto de Isabella promete tornar apertada a bancada do Palco Grande, amanhã. O espectáculo que Jan Lauwers dedicou à memória do pai é protagonizado por Viviane De Muynck, uma das mais conceituadas actrizes belgas, conhecida pela sua participação em filmes como *De avonden*, de R. Van den Berg, *Vincent and Theo*, de Robert Altman, e *The Crossing*, de Nora Hoppe. A intérprete estará à conversa com o público já na próxima segunda-feira, dia 09 de Julho, às 18h, na Esplanada da Escola D. António da Costa.



O quarto de Isabella estreou há 14 anos em Avignon

Lough and be gentle to the unknown” – eis o subtítulo que raramente acompanha as letras garrafais que encabeçam a maior parte dos materiais promocionais de *O quarto de Isabella*, limitando-se a chamar a atenção para o título. No entanto, este conselho parece-nos digno de destaque – ou não condensasse ele, com invulgar argúcia, o essencial da atitude que a protagonista assume perante uma vida atribulada e recheada de surpresas. Isabella Morandi é, como se sabe, uma figura fictícia, nascida e criada na cabeça de Jan Lauwers, pouco depois

de o fundador e director da companhia belga Needcompany ter herdado, com a morte do pai, uma vasta colecção de achados arqueológicos provenientes do continente africano. Estávamos em 2004 e o espectáculo foi, de certa forma, a resposta de Lauwers à dor da perda. O artista, conhecido pelo carácter multidisciplinar dos seus espectáculos, fez com que esses objectos herdados povoassem o palco – que é como quem diz o quarto que Isabella veio habitar em Paris, disposta a conhecer África e o pai verdadeiro, um “príncipe do deserto” que desapareceu numa expedição.

Uma vida intensa

Todavia, quando a encontramos, Isabella já não está na flor da idade. Na verdade, Viviane De Muynck interpreta uma Isabella madura, cega, solitária, que passa em revista uma vida feita dos homens que amou, dos segredos que guardou, das oportunidades que abraçou ou às quais virou as costas – mas que, acima de tudo, nunca deixou de viver intensamente. Por outro lado, recordá-la implica atravessar também alguns dos momentos marcantes do século XX, nomeadamente as vanguardas do início do século, duas guerras mundiais, a crise do colo-

nialismo europeu e os movimentos de libertação nacional. A seu lado estão oito actores/bailarinos que não só vão representando os vários interlocutores da protagonista, como também aquela que é uma das premissas mais originais do espectáculo e que consiste na materialização em palco dos dois hemisférios do cérebro de Isabella. Em cena há 14 anos, *O quarto de Isabella* continua hoje a ser uma das obras mais emblemáticas de Jan Lauwers e uma das que, de forma mais unânime, tem merecido a aclamação da crítica. 2018 é o ano em que se despede dos palcos.

Antecipação do colóquio com Ivica Buljan

Estava marcado para quinta-feira, dia 12 de Julho, às 18h, o encontro que traria o encenador croata Ivica Buljan à Esplanada da Escola D. António da Costa para falar do espectáculo que está em cena no Teatro-Estúdio António Assunção: *Final do amor*, com texto de Pascal Rambert. Todavia, o encenador terá de nos deixar mais cedo do que o previsto e a conversa será antecipada para amanhã, dia 8 de Julho. Mantém-se o local, a hora e a moderação já anunciada de Emília Costa.



© Rui Carlos Mateus

“Arizona foi uma premonição”

Entrevista com Aurora Cano

Aurora Cano visita o Festival de Almada pela segunda vez, depois de em 2015 ter apresentado na Sala Experimental do TMJB *Iluminación*. Há três anos estava, no entanto, no papel de encenadora. Agora estará em cima do palco com *Arizona*, um espectáculo sobre a extrema-direita americana e as fronteiras que separam países e pessoas. Para ver este fim-de-semana no Fórum Romeu Correia.

Como descreveria as personagens de George e Margaret?

É um projecto que fala sobre a extrema-direita nos EUA, na relação com a fronteira e a imigração. O espectáculo estreou há cinco anos e procurávamos que fosse uma paródia dessa ideologia de direita, com personagens que se sentem intimidadas pela imigração, e cujo ponto de vista tentávamos entender. Portanto, não são personagens realistas. São personagens um pouco arquetípicas – e o engraçado é que o que começou por ser uma paródia, acabou por tornar-se realista. Trump, que pensámos ser uma caricatura, afinal não é. O George e a Margaret são um pouco esse exagero da direita.

A realidade acabou por encaixar na ficção.

Sim, de uma forma horrível. Trump nem sequer era candidato quando montámos este espectáculo. O Juan Carlos Rubio escreveu o texto vários anos antes de o termos levado à cena. Curiosamente, o espectáculo foi uma premonição do que se ia passar. Há quatro anos fomos aos EUA. Eu não queria: tinha medo porque cantamos o hino, metemo-nos com a bandeira... Essas coisas, nos EUA, são mui-



Aurora Cano e Alejandro Calva são Margaret e George em *Arizona*

to perigosas. Na sala havia muitos filhos de imigrantes, comunidade mexicana e cubana. Os cubanos são os únicos imigrantes com direitos nos EUA. E, portanto, amam os EUA. São latinos, mas são latinos de direita. E ficaram muito indignados. Diziam que era mentira, que os EUA não eram assim... Tem sido uma aventura. Fomos a Londres, uma semana antes do Brexit; estivemos na Finlândia, onde são bastante anti-imigração; estivemos no lado contrário, na Colômbia e na Argentina. Na obra fala-se muito do Norte e do Sul. E eu penso que, por exemplo, Espanha, Portugal, Itália... São países que são Norte mas também são Sul. São países mais intermédios

do que, por exemplo, a Inglaterra ou a Finlândia que, quando assistem ao espectáculo, se posicionam do lado da culpa.

O espectáculo faz a crítica da direita americana mas também homenageia aquilo que os EUA têm de melhor. Como é que estas duas coisas se casam?

Estamos a representar apenas um sector da sociedade americana e parecia-nos um pouco maniqueísta falar apenas do horror ideológico. A proposta de encenação do Ignacio [García] era contrastar aquilo que nos parece ser o horror ideológico com as suas maravilhas musicais, os seus grandes *hits*, o seu outro lado.

Lulu ao pormenor

Nuno M Cardoso, encenador de *Lulu*, foi o protagonista do primeiro Colóquio na Esplanada do 35.º Festival de Almada. Quando questionado sobre as motivações que o levaram a abraçar este projecto, o encenador assumiu que, “se não

houvesse necessidade”, não teria feito este espectáculo. “É um espectáculo político, quase programático, mas sem ser oportunista”. Isto porque a história de *Lulu* traz ao de cima questões relacionadas com o machismo e a misoginia e pode remeter facilmente para a

actual pujança dos movimentos feministas. “Não me interessa a vingança”, acrescenta Nuno M Cardoso. “Interessa-me a possibilidade de mudança” contida numa personagem que, em seu entender, “tem uma espécie de impermeável contra a moral”. O actor e encenador falou ainda sobre a sua afinidade com a literatura alemã e sobre a relação que estabeleceu com a equipa artística, justificando algumas opções.



© Maria Escalzar

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00 **Final do amor**
Teatro-Estúdio António Assunção

16:00 **A reunificação das duas Coreias**
Teatro Nacional D. Maria II

17:00 **Bonecos de luz**
Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 **Arizona**
Fórum Romeu Correia

MÚSICA

20:30 **Angelica Salvi & Isabel Anjo**
Escola D. António da Costa

TEATRO

22:00 **O quarto de Isabella**
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Empadão de carne
- Carapaus fritos c/ arroz de grelos
- Salada de couscous

AMANHÃ

- Coelho à moda do cervejeiro
- Bacalhau c/ crosta de broa e alheira
- Massa soba c/ beringela e manga